

A EFICÁCIA DA LEITURA E DA PERCEPÇÃO DA INTERTEXTUALIDADE NA PRODUÇÃO DE TEXTOS

Márcia Regina Teixeira da Encarnação¹

maregi@usp.br

Resumo

Este artigo tem a intenção de mostrar que a escrita é inseparável da leitura, pois a produção de textos pressupõe a recepção/compreensão e a análise da produção de textos de outros. O desenvolvimento desse processo de produção deve-se em grande parte à recepção de textos com qualidade e de forma interativa, assim, o caminho da escrita será formado com idéias claras, coesas e coerentes. A leitura não é a simples decodificação de um sistema, seja escrito, desenhado, esculpido, seja qualquer outro. Não basta uma análise formal do código em que foi cifrado para torná-lo legível, pois o que importa para a significação é o universo do discurso, o contexto de sua produção. Se cada indivíduo é capaz de interpretações diferentes, devemos pensar como se dará tal interpretação. Uma boa leitura, que jamais pode ser entendida como decodificação, mas como fruto de um cálculo interpretativo, é, portanto primordial para que se desenvolvam as capacidades básicas no exercício da sumarização e a competência na captação da macroestrutura de um texto.

Palavras Chave: Leitura, Escrita, Educação.

Abstract

This article aims to show that it is not possible to separate writing from reading, since writing

implies the reception/comprehension and analysis of other people's texts. The development of this production process is mostly concerned with the reception of good quality texts in an interactive form, so that it can be logically organized, with cohesion and coherence. Reading not only means decoding a system, whether it is written, drawn, sculpted or any other. A formal analysis of the code in which it was encoded is not enough for understanding, since what is important for meaning is the context in which it was produced. If every individual can produce different interpretations, it is necessary to observe how interpreting will occur. Good reading, which cannot be simply considered decoding, but the result of interpretation, is essential to develop the basic abilities in summary practice and competence in understanding the macrostructure of a text.

Key words: reading, writing, education

¹ Mestranda em Semiótica e Lingüística geral na FFLCH/USP

Introdução

Com a leitura colhemos os conhecimentos que ficam armazenados na nossa memória. E é nela que acumulamos o conjunto de conhecimentos que caracteriza, tanto um indivíduo, através de sua história pessoal, quanto um grupo social, uma nação, uma etnia, por sua cultura e tradição.

Ao tirar da oralidade o registro e a memória de tudo que foi vivido, e fixando-a na escrita alfabética, a sociedade humana fez, sem dúvida, um dos avanços mais qualitativos e complexos de toda sua história. Segundo Yunes (2002:13) “... só comparável ao domínio do fogo, à interdição do incesto e à invenção da luneta, que fizeram o mundo sair dos eixos”.

Neste momento, estamos repensando o tradicional conceito de leitura, sobretudo aquele que está diretamente relacionado com a escolarização, pois é ela que permite aprender sílabas, reconhecer palavras, ler frases e parágrafos inteiros. Mas, não basta uma análise formal do código lingüístico para torná-lo legível, pois o ato de ler não pode ficar fincado no momento primeiro de nosso aprendizado.

Muitas vezes o texto se torna indecifrável, apesar de ser foneticamente recuperável pelo leitor que se diz alfabetizado. Podemos verificar com muita frequência, infelizmente, que mesmo entre estudantes universitários a compreensão de um texto se dá com certa dificuldade. Essa situação provoca uma outra que a essa está diretamente relacionada e que torna o nosso fato ainda mais preocupante: a relação com a escrita.

A base etimológica da palavra Leitura

Ler provém do verbo *legere*, que também na língua latina possuía a mesma significação. Mas, se consultarmos um dicionário de latim, veremos que *legere*, em sua primeira concepção denotava o ato de colher, juntar, armazenar, como, *legere nuces*, que significa colher nozes.

Pertencia ao vocabulário agrícola e agrário, colhia-se para armazenar o produto a fim de garantir a sobrevivência durante os meses de inverno. Um ato considerado de suma importância, pois a vida era a dádiva mais preciosa que existia e por isso era entendida como um ato sagrado. Colher não consistia apenas em apanhar e juntar, mas também em selecionar, escolher os frutos da terra; cf. *seligere* – selecionar, donde *selectio* e *selectior*, e *eligere* – escolher, donde *electio*, *elector* etc.

O verbo *intellegere* ou *intelligere* – compreender, também derivado de *legere* (< *inter* + *legere*) e que em seu primeiro sentido significava “escolher mentalmente entre”, adquirindo, a partir daí, o sentido de compreender, conhecer, perceber, discernir, reconhecer, saber etc. Quando sobrepusermos este campo semântico de *legere* – colher para *legere* – no sentido posterior de ler, estaremos aptos para entender o que realmente significa hoje o ato de ler e suas operações essenciais, pois *legere*, no sentido de ler, confunde-se literalmente com o sentido de colher e armazenar.

A apropriação do texto

A leitura é um processo complexo e bastante abrangente que faz rigorosas exigências ao nosso cérebro, à nossa memória e às nossas emoções sem deixar de envolver a experiência de vida dos leitores.

É fundamental, pois é através dela que adquirimos o conhecimento do assunto, da língua e dos modelos de texto. É ao lado dela que vamos construindo uma intimidade muito grande com a língua escrita e que internalizamos as suas diferentes estruturas, os gêneros, os diversos tipos de discursos e suas infinitas possibilidades estilísticas. Assim, com muita eficácia, a leitura ajuda a escrever melhor. É com ela que vamos enriquecendo a nossa memória, o nosso senso crítico e adquirindo conhecimento sobre os mais diferentes assuntos acerca dos quais se pode escrever. Nossa forma de ler e nossa experiência com os mais diversos textos de vários autores influenciarão de muitas maneiras nossos procedimentos de escrita.

Temos sempre que situar a leitura em um determinado universo de discurso, pois é justamente isso que importa para a significação, devemos sempre considerar o contexto da produção, pois apenas assim, conseguiremos resgatar com maior fidelidade a intenção do autor.

O leitor passa a ser, durante o processo de leitura, tão decisivo para o caráter do discurso quanto quem o produz porque nem tudo que o enunciado deixa ou faz entender se acha explícito nele, pois parte do seu sentido já está no conhecimento do leitor. Um texto traz em si marcas de outros textos, implícita ou explicitamente e essa ligação entre textos pode ser de uma simples citação ou até de uma paródia completa. Essa associação é prevista pelo autor e deve ser feita pelo leitor, na proporção em que partilhem conhecimentos. Em todas as formas de leitura, muito do nosso conhecimento prévio é exigido para que haja uma compreensão mais exata. É preciso compreender simultaneamente o vocabulário e a construção das frases, ativar as informações antigas e novas sobre o assunto, perceber os implícitos, as ironias, as relações estabelecidas com o nosso mundo real. E esse é o jogo que torna a leitura produtiva. Em textos mais complexos a

intensidade do esforço para compreender a intertextualidade pode variar e sempre vai depender de conhecimentos prévios comuns ao autor e leitor.

Podemos então constatar que a leitura não é um procedimento simples. Ao contrário, é uma atividade extremamente complexa e não podemos considerar apenas o que está escrito, pois, para compreender as intenções e posições do autor devemos ir muito além do texto. Assim, como a leitura faz muitas solicitações ao nosso cérebro somos levados a desenvolver e consolidar habilidades muito sofisticadas para pertencer, então, ao mundo dos que lêem. Segundo Garcez (2002:26), para que essa compreensão efetivamente ocorra temos que percorrer um longo e acidentado caminho que envolve: decodificação de signos; interpretação de itens lexicais e gramaticais; agrupamento de palavras em blocos conceituais; identificação de palavras-chave; seleção e hierarquização de idéias; associação com informações anteriores; antecipação de informações; elaboração de hipóteses; construção de inferências; compreensão de pressupostos; controle de velocidade; focalização da atenção; avaliação do processo realizado; reorientação dos próprios procedimentos mentais.

O leitor deve sempre considerar todos os recursos técnicos e cognitivos que podem ser desenvolvidos para que a leitura seja produtiva, pois a leitura não se esgota no momento em que se lê. Ela vai muito, além disso, é como uma pavimentação firme e segura no caminho do nosso aprendizado, pois os conhecimentos que adquirimos formam uma base sólida em que outros novos vêm se instalar de forma muito mais consistente.

A leitura e a recepção de textos

Sabe-se que leitura é um termo que comporta um sentido bastante amplo. O uso desse vocábulo está, na maioria das vezes, relacionado a textos escritos; entretanto, pode-se falar, também, da leitura de textos orais (no ato de ouvir), na leitura de produções audiovisuais (como TV, vídeo), na leitura de obras de arte, leitura de situações, entre outras.

Cabe observar que, entretanto, a definição mais comum do termo leitura é apresentada como ato de transcodificar signos gráficos em seus correspondentes na fala, sejam eles expressos sonoramente ou mantidos em uma cadeia de pensamentos.

Essa definição, contudo, é insignificante se comparada à complexidade que o termo encerra. O ato de ler, mais que decodificação, como afirma Paulo Freire (1986:11) “se antecipa e se alonga na inteligência do mundo”. Para tanto, faz-se fundamental uma interação entre o texto, o contexto e o sujeito-leitor.

Sem dúvida alguma, texto é um termo muito usado, principalmente quando observado o cotidiano de pessoas vinculadas, de alguma forma, à educação. São comuns as expressões como, por exemplo, “redija um texto”, “leia o texto a seguir”, “conforme o texto...”, ou “os atores da peça são bons, mas o texto é ruim” etc. Essa grande frequência no uso do termo faz com que todos tenham algumas noções sobre o que significa texto. Entretanto, dentre essas noções, algumas considerações fazem-se necessárias: o texto não é um aglomerado de frases; todo texto contém um pronunciamento dentro de um debate de maiores dimensões.

A palavra texto, portanto, designa um enunciado qualquer, situado em contexto específico. O texto, como afirma Guimarães (1999:14), pode ser: “oral ou escrito, longo ou breve, antigo ou moderno (...) uma frase, um fragmento de um diálogo, um provérbio, um verso, uma estrofe, um poema, um romance, e até mesmo uma palavra-frase”.

O importante é que se pense em texto, de um lado, como um sistema concluído, acabado, ímpar, organizado através de suas intraestruturas; de outro, como um objeto aberto, inacabado, inconcluso, dialogante, ligado ao contexto extralingüístico. Segundo Fiorin (2000:12),

“... entende-se por contexto uma unidade lingüística maior onde se encaixa uma unidade lingüística menor. Assim, a frase encaixa-se no contexto do parágrafo, o parágrafo encaixa-se no contexto do capítulo, o capítulo encaixa-se no contexto da obra toda”.

Contudo, é importante lembrar que nem sempre o contexto vem explicitado lingüisticamente. Os elementos em que se produz o texto podem dispensar maiores esclarecimentos e dar como pressuposto o contexto em que ele se situa.

Cabe lembrar que:

“... nenhum texto é uma peça isolada, nem a manifestação isolada de quem o produziu. De uma forma ou de outra, constrói-se um texto para, através dele, marcar uma posição ou participar de um debate de escala mais ampla que está sendo travado na sociedade” Fiorin (2000:13).

Uma boa leitura nunca pode basear-se em fragmentos isolados do texto, já que o significado das partes sempre é determinado pelo contexto dentro do qual se encaixam. Além disso, para que haja uma boa leitura, não se pode deixar de apreender o pronunciamento contido por trás do texto, já que sempre se produz um texto para marcar posição frente a uma questão sócio-histórica-científica qualquer.

A importância da leitura na percepção de mundo

Por leitor pode-se entender aquele que, alfabetizado, esteja habituado, de maneira inteligente, a buscar na palavra escrita um grande leque de informação e conhecimento do mundo.

Ao leitor cabe deixar de ser um mero reproduzidor de visões de mundo alheias, notar a importância de construir a própria história de leituras, para poder, então, posicionar-se diante de seu próprio contexto e ser, assim, considerado um crítico consciente.

A leitura, entretanto, ganhou, em nossa época, características próprias e perdeu sua profundidade e razão de ser. A prática da leitura escolar mostra que a intenção do aluno mudou, por estar condicionado ao seu tempo, que exige rapidez no conhecimento e na leitura. Por séculos, o principal, senão único, recurso que as pessoas possuíam para desenvolver a erudição eram textos escritos, registros.

O grande desenvolvimento tecnológico que se deu no último século fez surgir uma tendência para considerar a leitura menos necessária do que em outros tempos. Nota-se que o rádio e especialmente a televisão assumiram muitas das funções que, antes desses adventos da comunicação, eram próprias do texto impresso.

A opinião das pessoas, de forma geral, retrata a idéia de que a televisão e o rádio desempenham muito bem algumas dessas funções, como por exemplo, a faculdade de transmitir informações. Além disso, a capacidade, devido a sua característica sonora, de transmitir informações enquanto as pessoas estão desempenhando outras tarefas como, por exemplo, cozinhar, dirigir um automóvel. Essa concepção de manter-se informado e concretizar a possibilidade de economia de tempo seduz os indivíduos integrados ao contexto moderno que nos abriga.

Na mesma proporção em que os meios de comunicação ganhavam terreno, invadindo todos os lares, mais se desenvolvia a impressão de que a leitura se fazia cada vez mais desnecessária. Todavia, é lícito questionar se esta substituição não provocou, em muitos, uma diminuição da compreensão do mundo em que vivemos.

É certo que esses meios de comunicação com uma divulgação massiva de opiniões, de atitudes, camufla, numa retórica especializada e numa seleção de dados e estatísticas, uma intencionalidade poucas vezes percebida pela maioria da população. O indivíduo defronta-se com um conjunto de elementos que visam ajudá-lo, com o mínimo de dificuldade e esforço, a tomar uma decisão. Porém, a massificação faz-se de forma tão eficaz que o espectador (ou ouvinte) não chega a tomar qualquer decisão; pelo contrário, a massiva padronização de valores atua de maneira a fazer crer que o pensamento é desnecessário.

Por meio de leitura é que se pode desenvolver a capacidade de discernimento sobre qualquer tema, sem que se corra o risco da superficialidade e da inconsistência. O leitor, para tanto, deve ter um comportamento ativo diante da leitura. A leitura completamente passiva é impraticável.

Para Adler e Van Doren (1974:18-19),

“... um leitor é melhor do que outro na medida em que é capaz de maior amplitude de atividade durante a leitura (...) ler é a habilidade de captar toda espécie de construção da melhor maneira possível”.

Portanto, pode-se perceber que a leitura ativa significa melhor recepção de texto. Certamente, não é uma leitura fácil, é uma tarefa laboriosa e que exige um certo grau de empenho.

Adler e Van Doren (1974:55-56) propõem que se façam perguntas. Essas perguntas deverão ser feitas pelo leitor e ele mesmo deverá tentar respondê-las durante a leitura. São sugeridas quatro perguntas que devem ser utilizadas para qualquer livro, com suas devidas adaptações quando se referirem à poesia e à ficção.

As questões funcionam como regras básicas de direcionamento àquele que pretende fazer uma leitura ativa e essas regras devem ser seguidas na ordem apresentada. São elas:

De que trata o livro todo? Compete-lhe descobrir o tema principal do livro, e de que modo o autor desenvolve esse tema de maneira metódica ao subdividi-lo em temas subordinados essenciais ou tópicos.

O que está sendo dito em detalhe, e como? Trate de descobrir as principais idéias, asserções e argumentos que constituem a mensagem própria do autor.

O livro é verdadeiro no todo ou em partes? Você não pode responder a esta pergunta enquanto não houver respondido as duas primeiras. Precisa saber o que está sendo dito para que possa decidir se é verdadeiro ou não. Mas se entende o livro, você está obrigado, desde que esteja lendo a sério, a formar seu próprio juízo. Conhecer o juízo do autor não basta.

Que resulta daí? Se o livro lhe transmitiu informação, indague da significação dela. Por que o autor acha que é importante conhecer essas coisas? É importante para você conhecê-las? E se o livro lhe proporcionou ilustração, além de informação, é necessário buscar mais esclarecimento perguntando o que resulta daí, o que está subentendido ou insinuado.

Outras podem ser as considerações sobre os processos e atitudes do leitor perante o texto e, para tanto, podemos pensar em tipos de leitor, os quais podem ser descritos e divididos da seguinte forma:

O tipo de leitor que se utiliza de um processamento de informações descendente (*top-down*), ou seja, através de uma abordagem não linear, faz uso intensivo e dedutivo de informações não-visuais. A leitura é direcionada da macro para a microestrutura e da função para a forma. Esse tipo de leitor apreende com facilidade as idéias gerais e principais do texto. Além disso, é um leitor veloz e fluente. Entretanto, é comum observar que esse tipo de leitor se excede na prática de adivinhações, sem procurar confirmá-las com dados do texto. É, portanto, o tipo de leitor que, segundo Kato (1999:50) “faz mais uso de seu conhecimento prévio do que da informação efetivamente dada pelo texto”;

O leitor que se utiliza de um processamento ascendente (*bottom-up*) faz uso linear e indutivo das informações e constrói o significado através da análise e da síntese do significado por partes, partindo das unidades menores para as maiores. Esse tipo de leitor constrói significado com base nos dados do texto, fazendo pouca leitura nas entrelinhas. Observa detalhes, detectando até erros de ortografia, mas que, ao contrário do primeiro tipo, não tira conclusões apressadas.

Entretanto, além de ser vagaroso e pouco fluente, tem dificuldade em sintetizar as idéias do texto, pois não consegue distinguir o que é mais importante do que é acessório e até redundante;

O terceiro tipo de leitor é aquele considerado maduro. É aquele que usa, de maneira e tempo adequados, os dois processos apresentados (ascendente e descendente) de forma complementar. Para esse leitor, a escolha desses processos é fruto de uma estratégia na qual “... o leitor que tem um controle consciente e ativo de seu comportamento”. Kato (1999:51)

Para a autora (1999:51), o leitor idealizado pelo processo ascendente é aquele que analisa cuidadosamente o *input* visual e sintetiza o significado das partes menores para obter um

significado do todo. O leitor idealizado pelo método descendente é aquele que se apóia principalmente em seus conhecimentos prévios e sua capacidade inferial para fazer predições sobre o que o texto dirá, utilizando os dados visuais apenas para reduzir incertezas.

Partindo dos tipos de leitor, pode-se fazer uma classificação, também, dos tipos de leituras, segundo Leffa (1999), em três grandes abordagens:

1. as abordagens ascendentes, que estudam a leitura na perspectiva do texto-onde a construção do sentido é vista basicamente como um processo de extração, ou seja, nessa perspectiva, o principal aspecto é que o conteúdo subjaz ao texto (o conteúdo não está no leitor ou na comunidade, mas no próprio texto);

2. as abordagens descendentes, com ênfase no leitor e que descrevem a leitura como um processo de atribuições de significado, isto é, o que o texto faz não é apresentar um sentido novo ao leitor, mas fazê-lo buscar, dentro de sua memória, um sentido que já existe, que já foi de certa maneira construído previamente;

3. as abordagens conciliadoras, que pretendem não apenas conciliar o texto com o leitor, mas descrever a leitura como um processo interativo/transacional, com ênfase na relação com o outro; portanto, a leitura deixa de ser um encontro com o texto ou consigo mesmo para ser um encontro permanente com o outro e o leitor passa da categoria de excluído para a de participante.

Considerações finais

É importante salientar que, quando se pensa em recepção e produção de textos, a informação, o conteúdo como um “todo” é que é essencial. Não se pode pensar somente nas estruturas textuais, ou nos movimentos mentais do leitor, ou mesmo no contexto de produção da

comunicação. Todos esses aspectos encontram-se num processo de imbricamento que é responsável para uma leitura completa. Esse processo não deve envolver apenas os aspectos essenciais do texto, do leitor e da comunidade discursiva em que o outro está inserido, mas também de que modo esses aspectos se auto influenciam. A abordagem interativa, na medida em que perpassa diferentes linhas teóricas, permite o estudo dos vários elementos que compõem a leitura, de maneira distribuída e equilibrada, evitando a centralização num único foco de interesse. Em síntese, Leffa (1999:14-15), afirma que “... quando lemos um livro, provocamos uma mudança em nós mesmos, e essa mudança, por sua vez, provoca uma mudança no mundo.”

E é essa leitura interativa/transacional que pode provocar mudança, não só no que se refere ao desenvolvimento intelectual, profissional e pessoal do leitor, mas também como esse desenvolvimento provoca um incremento nas atitudes do sujeito que se manifesta incluído tanto na leitura quanto na produção de seus próprios textos.

Bibliografia

ADLER, M. J. & DOREN, C. van. *A Arte de Ler*. Trad. de José Laurenio de Melo, Rio de Janeiro, Agir,1974.

CRISTIANINI, Adriana Cristina. *Coerência e coesão na conjugação entre o processo de leitura e a produção de textos*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós Graduação em Comunicação e Letras, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2002.

FIORIN, J. L. & SAVIOLI, F. P. *Para entender o texto: leitura e redação*. 7. ed., São Paulo, Ática, 2000.

FREIRE, P. *A importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam*. 12. ed., São Paulo, Cortez/ Autores Associados,1986.

GARCEZ, Lucília Helena do Carmo. *Técnicas de redação*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

GUIMARÃES, E. *A Articulação do Texto*. 6. ed., São Paulo, Ática, 1999.

KATO, M. *O Aprendizado da Leitura*. 5.ed., São Paulo, Martins Fontes, 1999.

LEFFA, V. J. *Perspectivas no estudo da leitura: Texto, leitor e interação social* in: LEFFA, Vilson J.; PEREIRA, Aracy, E. (Orgs.) *O ensino da leitura e produção textual: Alternativas de renovação*. Pelotas, Educat, 1999.

YUNES, Eliana (org.). *Pensar a leitura: complexidade*. São Paulo: Loyola, 2002.